



FESTA RELIGIOSA E MEMÓRIA NA CIDADE DE JACARAÚ – PB (1940 -1980)

Luziana Cristina Ferreira de Souza
Pós-Graduada em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na modalidade de
Jovens e Adulto– UFPB, Estudante da Pós-Graduação em História Cultural – UEPB e
Integrante do Grupo de Estudos GEPees-UFPB
lcluziana@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a Festa da Padroeira “Nossa Senhora da Conceição” na cidade de Jacaraú – PB, procurando destacar a importância que a mesma tem na cidade, buscando compreender as mudanças que a festa vivencia, no decorrer dos anos compreendidos entre 1940 a 1980. Festa popular no calendário anual do município que se encontra presente na memória das pessoas, passando também a fazer parte da cultura dessa sociedade.

Nesse período buscamos estudar os dados significativos da história da festa da Padroeira, cada descoberta, cada detalhe, pois, “a medida que os depoimentos populares são gravados, transcritos e publicados, torna-se possível conhecer a própria visão que os seguimentos populares têm das suas vidas e do mundo ao redor.” (MONTENEGRO, 1994, p. 16).

Fizemos uso de referências bibliográficas, almejando a compreensão do tema em estudo. Concomitantemente, efetivamos um trabalho de campo na referida cidade a partir da utilização de entrevistas, fazendo uso da metodologia da história oral para coleta de dados com populares da comunidade, sujeitos participantes dessa pesquisa. O extenso universo de memórias que conseguimos visitar corresponde ao aspecto central do trabalho, quando procuramos agrupar de acordo com a convergência temática das falas.

Abordamos o envolvimento da população com a Festa; analisamos a importância da Festa da Padroeira Nossa Senhora da Conceição na cidade de Jacaraú- PB, e identificaremos as Práticas religiosas e os festejos da Padroeira.



No envolvimento da população com a Festa enfatizamos o comprometimento dos jacarauenses com a mesma, tanto com a parte religiosa quanto com a profana, eles não medem esforços quando se trata dessa Festa; Na Festa da Padroeira Nossa Senhora da Conceição na cidade de Jacaraú- PB ressaltamos sua importância, acontecimentos, e belezas nas noites de festas; E ainda, nas Práticas religiosas e os festejos da Padroeira com a participação ativa da população, apresentamos as manifestações religiosas e penitências em sinal de agradecimentos à referida Santa.

2 O ENVOLVIMENTO DA POPULAÇÃO COM A FESTA

Os colonizadores tinham por costume batizar as cidades e paróquias, nomeando-as com nomes de Santos correspondentes ao dia de chegada dos mesmos na região. Desse modo, à Paróquia de Jacaraú-PB tem “Nossa Senhora da Conceição”, como Padroeira desde a sua criação.

Diante dos preparativos religiosos e profanos da festa, apesar de algumas desigualdades e alguns preconceitos, às pessoas independentes da classe social, participavam ativamente de todas as preparações, comemorações e homenagens, ou seja, de todos os eventos da festa. Segundo Silva (Depoimento Oral, 2004, Transcrição, p. 03), havia distinção social e racial:

Tinha gente que só queria ser mais o menos, né? Era alguma pessoa, não era todo nera? Era tudo assim, mas depois, agora, hoje, Jacaraú tá muito bom. Se a pessoa fosse pensar o que era antigamente Jacaraú, virge Maria! Olha, nesse tempo, o povo de primeiro, o povo era tão, tanto, pra ser anjo, ah! Só quem era era branco, os filhos do pessoal branco, gente moreno não podia ser anjo, né? Era minha filha, tinha muita coisa assim, muita bestera (...)

Geralmente as pessoas que trabalhavam na parte religiosa, trabalhavam também na parte profana da festa, ajudando e participando dos acontecimentos da mesma, e todo o lucro arrecadado era para a Igreja. “[...] o povo mesmo que participava da Igreja, participava do pavilhão porque as moças mesmo que trabalhava na Igreja, cantava na Igreja. Preparava a missa e tudo. Elas sempre era quem mai fazia [...]” (BARBOSA, Depoimento Oral, 2004, Transcrição, p. 15).



Na época, o povo se dedicava pela devoção, porque queria ajudar a Igreja. Na fala de Pessoa (Depoimento Oral, 2004, Transcrição, p. 09) identificamos o sentimento de envolvimento de corpo e alma com a celebração:

Participava. Quando tinha aqueles pavilhões não existia copo descartável, esses copos todinho ia pro pavilhão, ia pra lá também pra ajudar, era assim. A gente se esforçava pela festa religiosa da Igreja, se esforçava pela profana também e o lucro era pra Igreja.

Assim como as pessoas preparavam à Igreja, a cidade também era preparada para receber a festa, era um grande movimento, além das pessoas da cidade vinha muita gente dos sítios. Enfeitavam a rua principal onde era realizada a festa, com bandeirinhas e faixas homenageando “Nossa Senhora da Conceição”. Essa organização diferenciada da cidade já marcava as mudanças que a festa proporcionava as imagens e ao cotidiano nas ruas da cidade. De tal forma que:

Mudava muita coisa que o povo ficava mais animado, o povo vinha dos sítios, passava esse povo que morava no sítio passava dois três dia na cidade, dois três dia, passava. Ia pra casa das famílias participar da festa pelo menos, eu, garota nova, moça nova, eu vinha de várzea comprida, minhas tias ali, eu vinha dia sete, vinha pela manhã, passava o dia, passava a festa, passava a noite, só ia pra casa depois da procissão no dia oito. Fiz foi muito isso. (BARBOSA, Depoimento Oral, 2004, Transcrição, p. 14-15).

Outra moradora, Morais (Depoimento Oral, 2004, Transcrição, p. 28), acrescenta que “[...] butava aquelas faixa lá em cima, butava cá em baixo, butava cá em baixo [...]”. E Pessoa (Depoimento Oral, 2004, Transcrição, p. 08) acrescenta: “Ah! Muito movimento, muito movimento. Esse povo do sítio vinha todas as noites, vinha de dia, era movimento, movimento grande.”

Os comerciantes também se preparavam, porque nesse período as vendas aumentavam. Como em outras comemorações, os fogos também estavam presentes, como forma de expressar a alegria do momento, saudando a Padroeira “Nossa Senhora da Conceição” e a presença da banda que era privilégio de todos, uma vez que passava pelas poucas ruas da cidade, entrando dessa forma todos em clima de festa.



Os jacarauenses não mediam esforços quando se tratava da festa da Padroeira. Em clima de união, ajudavam-se uns aos outros com um único objetivo: obter sempre uma festa bonita e com muita paz. Segundo Silva (Depoimento Oral, 2004, Transcrição, p. 05). Havia um sentimento de coletividade:

Era as moça pra ajudar, chamava as moça pra ajudar, chamava as moça pra trabalhar, as pessoa assim. Nesse tempo quem tomava conta era a finada Anatécia quera irmã de madrinha Alzira, dona Dora, já morreu dona Dora, era o povo dela, né? Cumade Maria José quera subrinha dela, aí, menina, de cumpade Miguezinho, Aída, cumadre Neli, esse povo assim, que tumava conta e a gente ajudava também, a gente ia pra lá ajudar. Eu mesmo toda vida elas gostava de mim, tinha intimidade, eu tinha intimidade com elas, eu ia muito pra lá, elas me chamava prá ir pra lá, pra esse negócio de festa, assim de ajudar, de andar, assim, a gente ia mas era assim mesmo.

Como vemos, a festa da Padroeira marca profundamente o cotidiano da cidade e, como em qualquer lugar, no final da festa a cidade ficava desorganizada, vazia, sem nenhum movimento. A cidade e as pessoas voltavam ao normal. Mais uma festa da Padroeira foi realizada, recomeçando novamente as expectativas para o próximo ano. Quando terminava o período dos festejos, a cidade voltava a sua rotina, surgia um sentimento de estranheza e saudade: “Ah! No final da festa a cidade ficava esquisita que todo mundo ía embora, ficava tudo aquilo desmantelado, aquela rua toda suja e eu ía embora que num morava aqui [...]” (PAULINO, Depoimento Ora, 2004, Transcrição, p. 20).

Mas, ao terminar a festa da Padroeira, os organizadores davam início a preparação de outra comemoração realizada pela Igreja Católica: a festa do Natal comemorada no dia 25 de dezembro, nesta época também era comum essa comemoração na cidade, assim como também a festa de Reis, festa essa que antes de deixar de ser tradicional conseguia aglomerar um grande número de pessoas. Assim como a da Padroeira vinha muita gente de fora participar desta festa.

A partir do momento que começaram a trazer parques para a festa da Padroeira, o seu final fica mais alegre e animado, dando lugar às músicas oferecidas para namorados (as), esposo (as)... Todo mundo ouvia de suas casas aquelas músicas que eram oferecidas como prova de amor. Ao terminar a festa os parques ainda passavam alguns dias na cidade:

[...] ficava aquele, quando vinha esse parque que vem pra festa, né? Ficava falano, anunciano, cantano aquela canção bonita, as pessoa butava moda, coisa bonita, butava som, aí oferecia quem tinha namorada, oferecia pra sua namorada, o marido oferecia pra sua esposa, era animado que só, passava uns dois dia ali cantano aquelas coisa bonita, cada pessoa ia levava uma coisinha pra gravar pra quelas pessoa escutar, todo mundo escutava, fulano de tar te mandano isso assim, pra fulano, betrano, sicrano, essas coisa tudinho, aí a gente escutava dentro de casa, era assim animado aquele povo, tudo sem maldade minha fia, ô povo sem maldade naquela época, terminava a festa e eu ia pra casa só se lembrano da festa que foi bonita que só [...]. (NÓBREGA, Depoimento Oral, 2004, Transcrição, p. 2).

A beleza e romantismo mencionados também fazia parte da festa. Interessante ressaltar, que durante todo o período que transcorresse a festa, todos os acontecimentos ganhavam significados únicos para cada pessoa.

3 FESTA DA PADROEIRA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO NA CIDADE DE JACARAÚ-PB

Segundo a concepção católica, cada cidade possui uma Igreja sede Matriz que a partir da sua história tem um Padroeiro, onde o mesmo tem a sua data de comemoração e homenagens. Em Jacaraú- PB, sendo “Nossa Senhora da Conceição” a Padroeira da cidade, tem como data de comemoração o dia 08 de dezembro, correspondendo a uma festa tradicional.

A importância que a Festa da Padroeira tem como valor social e o prestígio que se atribui à mesma diante de sua projeção cultural sempre foi muito grande.

As noites de festa em Jacaraú-PB, segundo os depoimentos que analisamos, eram bastante divertidas, com muitas barracas, leilões e se tratavam de noites de grandes acontecimentos, desde a festa profana até a religiosa, uma vez que a festa da Padroeira se encerrava com procissão, missa e um grande leilão.

Era assim: todas as noite, né? Nove noites, no dia seis tinha vaquejada, no dia sete, também vaquejada, nessa rua principal, Presidente João Pessoa, aí vinha àquelas pessoas botar bandeirinha na rua, não tinha pavilhão. Nesse tempo fazia muitas barraquinhas, num sabe, muitas. O povo é que fazia essas barraquinhas. Depois da última noite que era dos solteiros, chamava solteiros na última noite, mas não participava aqui em casa não, papai não deixava, só trabalhava na Igreja mesmo, aí o povo ficava na rua comendo, bebendo, tinha um leilão. Ah! o leilão ficava até duas horas, três da manhã, é muita coisa, o leilão era no último dia e no outro dia tinha leilão também, depois da missa,



da missa de nove horas, missa solene. Tinha leilão até uma hora, duas da tarde. De tarde tinha procissão, depois da procissão tinha duas missas, tinha uma logo cedo e outra mais tarde, a solene era mais tarde no dia oito. Depois da procissão tinha a bênção do Santíssimo Sacramento, aí terminavam, as pessoas ficava naquelas barraquinhas, as barraquinhas eram das pessoas, não fazia parte da Igreja, não. (...). (PESSOA, Depoimento Oral, 2004, Transcrição, p. 07).

Durante o período da festa ocorriam novenários, que eram distribuídos para as famílias moradoras da vila, que se sentiam orgulhosas e tinham grande satisfação. Lembrando também dos conjuntos musicais que estavam sempre presentes, vindos de outras cidades como João Pessoa, Recife, Campina Grande, etc. Era uma festa “Boa. Muita gente, muito bem acompanhada, procissão, muitas coisa.” (SILVA, Depoimento Oral, 2004, Transcrição, p. 17).

Eram nove noites de festa. No início não existia pavilhão, apenas barracas, onde vendiam bolinhos, bonequinhos de pano, etc. Não existiam parques e a primeira onda de parque apareceu por volta de 1950/1952.

A partir de certo período, as pessoas passaram a usufruir na festa da Padroeira, de pavilhão e parque nas suas comemorações, sendo considerada dessa forma, muito mais animada.

[...] e quando foi em 1900, na década de 60, a festa ficou mais animada porque começou a chegar parque, ou 60 ou 50, não me lembro bem, começou a chegar parque e se interessaram pelo pavilhão. Ah! Nesse tempo foi muito bom! Tinha leilão também, tinha candidata à rainha, tinha os votos. [...]. (PESSOA, Depoimento Oral, 2004, transcrição, p. 07).

Os variados tipos de divertimentos que passaram a fazer parte da festa contribuíram muito para o seu crescimento; e a população podendo dessa forma participar mais diretamente das noites da festa, onde para eles tudo era motivo de novidade.

Outra grande novidade foi a “sopa”, um ônibus que passou também a fazer parte dessa comemoração. Como em Jacaraú-PB quase não existiam transportes, esse ônibus passou a ser um dos divertimentos mais esperados do ano, ou seja, as pessoas passavam o ano inteiro juntando dinheiro para que no período da festa pudesse passear na “sopa”. Pontes (Depoimento Oral, 2004, Transcrição, p. 20) lembra-nos o itinerário:



A festa tinha o pavilhão, tinha o novenário, tinha a missa, né? Procissões, como hoje em dia tem, né? E a diversões era um carrossel daquele que o povo chamava carrossel pé duro e a sopa pra carregar o povo pra passear. E, uma rodava pro lado de Santa Cruz, outra, pro lado ali do cemitério, outra pro lado de Pedro Régis e assim carregava. O divertimento do povo era passear nos ônibus chamavam sopa, nesse tempo.

O carrossel e a sopa eram o divertimento da festa, as pessoas passavam o ano inteiro esperando chegar o final do ano para poder andar na sopa. Pessoa (Depoimento Oral, 2004, Transcrição, p. 09) relata que se instaurava uma atmosfera de magia e encantamento.

[...] as pessoas, os comerciantes faziam um surtimento grande de tecido, dessas coisas assim, de bebidas, dessas coisas, mas devem se prepararem porque as pessoas compravam tudo aqui, era difícil viajar, roupa, essas coisas assim, calçados não, aqui nunca vendeu não, ia pra Nova Cruz, Guarabira, ia comprar. Sim, enfeitava a rua, essa rua de bandeira, bandeirinha, quem fazia era os solteiros que fazia. Os rapazes, os rapazes levava os papéis, os cordões e a gente fazia por todo o canto, responsáveis, aí enfeitava a rua toda. Os fogos era muito, viu, fogos, balões, chafaréis, umas coisas bem bonita que subia, era bom demais, naquela época, esses fogos é todas as noites nas novenas e no dia da festa, pela manhã, a banda, sim, a banda saía na rua tocando, todas as ruas passava e os sino repicava e soltava uma giranda de fogos seis horas da manhã, meio-dia e de tarde, no dia oito.

As pessoas vendiam “alfenins,” (tipo de doce feito com açúcar, goma e água), com esses ingredientes são feitos: animais, cachimbos, pilão, mão de pilão e bonecos. A venda desse doce é tradicional na festa da Padroeira até hoje. As pessoas vendem na calçada da Igreja, geralmente são as pessoas dos sítios que fazem. Para algumas pessoas, em especial os idosos, se for à festa e não comprarem alfenins fica faltando algo, a presença desse doce na festa da Padroeira “Nossa Senhora da Conceição” era e continua sendo indispensável.

Em 1940/43, Jacaraú-PB (vila), tinha aproximadamente 900 habitantes e muitas pessoas de forma direta ou indiretamente participavam da festa da Padroeira. Nesse período vinham muitas pessoas participarem da festa aproveitando a ocasião para visitar seus familiares. Começavam a chegar os nordestinos do Sul, sobretudo do Rio de Janeiro.



Vinha, muita, muita, mesmo! E o parque sempre naquela rua Vidal de Negreiros, era lá. Sempre foi ali porque aqui era o pavilhão, teve uma vez que o pavilhão foi naquela praça que agora não tem mais praça, agora é um calçadão [...], e uma vez foi na praça o pavilhão, outra vez foi nessa rua aqui, muito grande o pavilhão, era muito grande, nera piquinininho não, muito bom. Essa moças de Jacaraú da sociedade, ah! Todo mundo ia ser garçõnete, achava muito bom ser garçõnete, era muito bonito, muito animado e era assim as festas. (PESSOA, Depoimento Oral, 2004, Transcrição, p. 07).

Durante a festa da “Conceição”, destacava-se também a participação marcante das comunidades do interior nas noites de novenas. A motivação nos sítios era feita pelos procuradores. Alguns documentos atestam esse poder de mobilização: “Realizou-se como todos os anos em dezembro a festa da Padroeira Nossa Senhora da Conceição, contando com um grande número de fiéis que vieram de todos os recantos da Paróquia, constituindo-se de novenário, missa cantada e procissão.” (LIVRO de Tombo, 1952, p. 04).

Ainda depoimento: “[...] vinha pessoas que tinha casa aqui em Jacaraú-PB, vinha do sítio as família toda, vinha pra cá, pra ficar pra festa. Era bonito demais menina, uma beleza.” (SENA, Depoimento Oral, 2004, Transcrição, p. 06).

Passava-se muito tempo organizando e preparando a festa da Padroeira. À maioria dos moradores da cidade colaboravam ajudando uns aos outros com vistas à realização da festa.

O povo era assim: saía nas casas pedindo uma ajudinha, né? Só na noite dos solteiros que pedia ajuda. Nos outros noitários era assim: dos sítio, aí todo mundo trazia nera. A derradeira noite, que era da rua, era noite de solteiro que chamava, aí a gente dava, cada um dava um pouquinho de coisa, à vezes, um dava uma prenda pro leilão, era um girimum, era uma galinha, era qualquer coisa que tivesse, nera. [...] a festa era só assim, até meia-noite, quando terminava o leilão todo mundo ia para casa, aí no outro dia de manhã, tinha a giranda, aí quando era de dez horas, era a missa, né? Da Conceição, no Dia da Conceição, aí era a missa, e de meio-dia, tinha muita giranda e de seis horas, cinco horas, era a procissão, de cinco as seis, aí terminava a festa, pronto, aí a banda de música não ia mais tocar nem nada não, ia embora. [...]. (SILVA, Depoimento Oral, 2004, Transcrição, p. 01).

As homenagens à Padroeira “Nossa Senhora da Conceição” tiveram início com as solenidades religiosas e, depois, com o passar do tempo começou a surgir à parte profana, a qual vem melhorando a cada ano, segundo o depoente Pontes (Depoimento Oral, 2004, Transcrição, p. 21):



Nessa época, só existia aqui a religiosa. Tinha o pavilhão, tinha a festa de rua não, só era festa mesmo, tinha pavilhão e tinha aquelas barraquinhas, aquelas coisa, somente era, era simples, agora, depois foi que vinha orquestra, orquestra de Guarabira, Odilon uma vez trouxe, trazia orquestra de Guarabira, vinha de Rio Tinto, de João Pessoa. [...].

Para a organização da festa, desde a profana quanto à religiosa, era tudo muito bem preparado. Existiam procuradores nos sítios para que todas as comunidades pudessem participar das comemorações, juntamente com a equipe da cidade que eram representados pelos presidentes. Todos, de forma direta ou indiretamente contribuía para a realização desse evento. “[...] de presidente da festa, vice-presidente, tesoureiro, tudo era equipe, aí, convidava as outras pessoas e todo mundo, um ajudava o outro.” (PESSOA, Depoimento Oral, 2004).

É interessante que toda essa preparação relacionada à roupa era apenas para usar durante as comemorações religiosas. Na profana, acreditava-se que poderiam usar qualquer roupa. Com tecidos variados eram costuradas às roupas com o objetivo de assim também homenagearem a Padroeira.

Menina! a gente fazia vestido, madrinha Maria de Lurdes fazia vestido pra gente, madrinha Ritinha, a mãe de (...) a vó de Zanandréia, eu mermo fazia, gostava de fazer, naquele tempo o povo usava sabe como era? Chamava tafetá, outros chamava muarê, aquelas seda, num tem umas seda de onda? Aí a gente comprava vestido pra vestir no dia da missa, só vestia na missa e na procissão e de noite não tinha, era a festa qualquer ropinha a gente ia.(...) As pessoas comprava uma roupinha pra festa da Padroeira, comprava sapato, nesse tempo as coisa era tudo difícil, tudo mais difícil e era as coisa assim(...). (SILVA, Depoimento oral, 2004, Transcrição, p. 02).

Havia os que se organizavam com dificuldades, mas a importância de estar bem apresentado era forte. As pessoas tinham que fazer ou comprar algo novo, algo que fosse capaz de demonstrar a importância dada à festa.

A festa da Padroeira consegue trazer uma movimentação diferente ao cotidiano da cidade. Os costumes, a forma de vida das pessoas, podem ser observados a partir de citação como a anterior e que se segue:

Prepara assim, a roupa que tivesse eu ia, é vestir um vestido que tiver, eu não tinha sapato eu ia de chinela ou de pega bode, naquele tempo era pega bode. Ah! muita gente vinha toda granfina, quem podia vim bem granfina vinha, quem num podia vinha com vistidinho meio fraquinho, outra vinha de



chinelo, outra vinha de aprecata, até gente que vinha de pé descalço naquele tempo.[...]. (MORAIS, Depoimento oral, 2004, Transcrição, p. 28).

Do traje feito de tafetá, muarê, seda à condição de ir à festa de chinelo. As festas de rua têm essa característica de reunir os diferentes grupos sociais.

A corrida (vaquejada), evento tradicional durante as festividades da Padroeira, era organizada pelas pessoas da cidade, evento esse que conseguia aglomerar assim como a festa um grande número de pessoas. O nome do parque era: “Nossa Senhora da Conceição” em homenagem a Padroeira, eram dois dias de corrida (vaquejada), ou seja, 07 e 08 de dezembro.

[...] nesse tempo não era calçado aqui, tinha corrida, tinha vaquejada de seu Ernani, olha, a vaquejada, o curral era aqui nessa porta, no armazém de Pedro Candido que não era calçado nesse tempo, aí era o curral, aí tinha corrida na vespa, na antevéspera da festa e tinha na vespa e de noite, só era somente a novena, assim até meia-noite era assim. (SILVA, Depoimento Oral, 2004, Transcrição, p. 01).

A festa, sem dúvida, tratava-se de um evento que mobilizava toda a cidade, inclusive com a volta dos “filhos da terra” espalhados no Brasil com o objetivo de vivenciar a festa. Os habitantes da cidade passavam o ano inteiro se preparando para a festa da Padroeira, onde quem podia fazia as roupas mais “chiques” e compravam sapatos novos, a sensação é a de que todos queriam está à altura do grande acontecimento. Pessoa (Depoimento Oral, 2004, Transcrição, p. 08) rememora com emoção que a festa movimentava o mundo da moda, as casas de tecido e as costureiras da região: “Ah! O povo se preparava com muita roupa. De roupa, de sapato, ah! Meu Deus do céu! Nesse tempo era assim, movimento grande [...]” Ainda comenta:

Era. É sim. Todo mundo fazia roupa pra ir pra missa no dia da festa. A missa de Nossa Senhora da Conceição, no dia da festa. Procissão, a roupa nova, mas também, não era essa roupa escandalosa igual ainda hoje de alcinha, não sei de quê, não, não era não, de forma diferente. Agora, as roupas bonita de tecido bom, cheia de modelo, pronto. Num tinha figurino, num tinha essas coisas de fazer vestido mais. [...] E os rapazes, tudo tinha roupa nova, tudo direitinho pra ir pra missa e pra procissão e no dia assim, qualquer roupa a pessoa ia, mas pro dia da festa, a gente chamava o dia da festa o dia oito, era esse dia da festa. (PESSOA, Depoimento Oral, 2004, Transcrição, p. 10).



Eram roupas compostas usadas no dia 08 de dezembro, dia esse que era o dia verdadeiro da festa, onde acontecia a missa e a procissão de “Nossa Senhora da Conceição”. Toda preparação do povo estava voltada, essencialmente, para esse dia.

4 AS PRÁTICAS RELIGIOSAS E OS FESTEJOS DA PADROEIRA

No dia de “Nossa Senhora da Conceição”, na cidade de Jacaraú-PB, depois da procissão a missa era frequentada por muita gente e realizada dentro da Igreja. “[...] dentro da Igreja. A Igreja ficava cheia, cheia, cheia. Nesse tempo tinha couro, a Igreja, tinha um órgão de tocar, quem tocava era madrinha Alzira o órgão [...]” (PESSOA, Depoimento oral, 2004, Transcrição, p. 12).

Além da missa a religiosidade se manifesta também nas penitências ou sinais de agradecimentos à Santa. Isso é perceptível durante a procissão e na missa. “[...] só via o povo descalço, com pedra na cabeça, vestido de assim, com roupa de Nossa Senhora, com aquele manto azul e de pedra na cabeça e de pé descalço na procissão.” (PESSOA, Depoimento Oral, 2004, Transcrição, p. 13).

Era costume ocorrer penitência. O povo “Pagava promessa, o povo vai de mortalha, né? Um vai com a pedra na cabeça assim, outro com pé descalço, as promessas eram essa do povo [...]” (NÓBREGA, Depoimento Oral, 2004, Transcrição, p. 27).

Além das promessas, a festa da Padroeira era tomada como um momento de “catação” de recursos para a Igreja. A título de exemplo acontecia o leilão, que era um grande acontecimento, onde todos colaboravam com o que fosse possível, e era bem organizado. Menezes (s.d., p. 24) rememora que eram muitas as doações em dinheiro e em mercadorias.

Na novena da Senhora da Conceição tivemos que improvisar um cercado para recolher frangos, galinhas, perus em quantidade. Preparava-se a festa da padroeira: Imaculada Conceição. Chegavam com frequência cachos de banana, de coco verde, mandioca enxuta, ovos, bolos, quitandas. Tudo isso para o leilão da festa da padroeira. A impressão era de fartura, muita fartura.



De fato, Jacaraú era cercado por pequenos proprietários e predominava uma agricultura primitiva de subsistência.

A fartura da festa confundia com um momento de crescimento para a cidade. Os pavilhões de comidas e bebidas também anunciavam este detalhe. As garçonetes que faziam parte do pavilhão era uma das atrações da festa, todos os anos vestiam-se de forma diferente representando algo escolhido por eles. Desciam na rua principal juntamente com seus paraninfos ao som da banda, e em meio a uma grande animação até o pavilhão, onde faziam a abertura e dava início a grande festa.

[...] outra coisa, as garçonetes, cada ano era de um tipo, teve um ano que foi vermelho e azul, outro ano foi camponesa e cigano. Outro ano foi os município daqui da Região do Vale, outro ano foi dos estados do Brasil. Era muito lindo, o presidente da festa, as garçonetes se reuniam lá e quem ficava? Os paraninfos pra descer de braço com elas e a banda atrás tocando, abria o pavilhão de nove horas, todo mundo abria de nove horas o pavilhão e entrava as garçonetes e os paraninfos e a banda atrás tocando, aí cada paraninfo tomava conta da sua mesa, e tinha também a vaquejada no dia seis e no dia sete, era animação muito grande. (PESSOA, Depoimento Oral, 2004, Transcrição, p. 07).

Dentro do pavilhão, existia uma prisão provisória com fins lucrativos para a Igreja. Durante a festa também era escolhida através de votos uma rainha, a qual seria homenageada e ganharia o título de Rainha da Festa.

Ao ser escolhida através do voto, a rainha era coroada no outro dia, não recebia nenhum tipo de prêmio, era apenas coroada e homenageada com o título de Rainha da Festa da Padroeira “Nossa Senhora da Conceição” daquele respectivo ano.

Era coroada no outro dia. Ninguém tinha interesse de ficar com o dinheiro, de ficar assim não, ninguém tinha esse interesse, as pessoas iam ser caixa do pavilhão, pronto. Trabalhava a noite todinha e não ganhava nada pra Igreja. O interesse era esse: ficava tudo certo, pronto, depois se reunia, ia fazer as contas do que gastava, se dava algum lucro, essas coisas assim. (PESSOA, Depoimento Oral, 2004, Transcrição, p. 10).

Era vendido no pavilhão um jornal humorístico muito interessante, onde o mesmo falava das pessoas da cidade explorando de forma crítica algumas partes do seu corpo e direto ou indiretamente da vida do povo, obtendo um resultado muito engraçado e divertido.



Ah!, isso já foi já no tempo agora, mais pra frente que tinha pavilhão já, que começou a fazer pavilhão até um tempo desse eu tinha um, mulher, aí cheguei, já tava ficando velho, eu cheguei, rasguei, joguei fora, que dizia a mistura do bolo, aí fazia era, com os cabelos de quem era os cabelos, meu Deus? Era de uma pessoa, tinha os cabelos de fulano, aí quando foi começar o bolo que ia preparar, era mexido pelo braço torto de Maria da Paz quera dona Maria da Paz, a mãe de Reinaldo, quela tinha o braço quebrado, aí ficou meio torto, né? Aí quem vai mexer o bolo, o bolo é mexido por Maria da Paz com seu braço torto e falava nos cabelos e falava na vida de fulano, da vida de cicrano, falava de tudo, de tudo do povo. Aí depois foi surgindo um pavilhãozinho, aí começou isso já depois, isso já foi dos tempo de 60 pra cá, né? Que começou ter pavilhão. (...) (SILVA, Depoimento Oral, 2004, Transcrição, p. 04).

Dos jornais existentes podemos lembrar dois deles: A NAVALHA de 1961 e O MENSAGEIRO INDISCRETO de 1969, ambos traziam manchetes interessantes, como o Bolo da Festa (em que os ingredientes do bolo eram comparados criticamente com os populares da cidade), assim como menciona a depoente. Traziam também muitos outros temas, tais como: Leilão, Misses em Jacaraú-PB, O impossível acontece, Presentes que serão enviados por Papai Noel pelo Lunik III, Testes, Filmes da semana, Poesias sem ritmo, Preferências musicais, Perguntas inocentes, Conselhos, Quadras, Você sabia que..., Passageiros, Criaturas que não se vê com bons olhos, Uns, outros e eu:, As flores do jardim, Adivinhação, Avisos, Você já pensou?, Eles nasceram para ser:, Espelho, Correio do amor, Ladainha da festa, entre outros.

Os jornais acima citados não eram confeccionados na cidade de Jacaraú-PB, e sim na cidade de Nova Cruz-RN. Depois de confeccionados, eram entregues ao presidente da festa, e por se tratar de um jornal crítico, o autor do mesmo nunca foi identificado e todo o lucro era revertido para a Igreja. [...] vinha de Nova Cruz, uma pessoa trazia e entregava o presidente da festa era vendido, faziam muito, muito, um pacote grande, um cruzeiro, dois cruzeiro, me lembro nem quanto era e o dinheiro era pra Igreja. (PESSOA, Depoimento Oral, 2004, Transcrição, p. 08).

Todo dinheiro arrecadado durante o período da festa servia para a realização de algumas obras, consertos e compras para a Igreja.

Teve pra conserto, né? Teve uma época que a Igreja quase caiu o teto. Aquelas madeiras são tudo nova, gastou muito dinheiro naquela Igreja. Aquela torre foi feita com o dinheiro. (Com o dinheiro arrecadado na festa? – perguntei) R: Sim, sim, só era pra isso. Esse dinheiro era pra isso, pra Igreja. (PESSOA, Depoimento Oral, 2004, Transcrição, p. 08).



Em 1979, as ofertas e doações para a festa da Padroeira possibilitaram a construção do salão comunitário e do cruzeiro ao lado da Igreja, inaugurado por Dom Marcelo em 18/05/80¹.

Podemos perceber durante o decorrer da história da festa da Padroeira “Nossa Senhora da Conceição”, que desde muitos anos a mesma tem uma importância muito grande para os jacarauenses. Neste sentido, pode ser considerada uma festa tradicional, comemorada a cada ano, no dia 08 de dezembro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo abordou a Festa da Padroeira “Nossa Senhora da Conceição” na cidade de Jacaraú – PB, destacando a importância que a mesma tem na cidade, compreendendo as mudanças que a festa vivencia, no decorrer dos anos compreendidos entre 1940 a 1980.

Fizemos uso de referências bibliográficas, almejando a compreensão do tema em estudo. Concomitantemente, efetivamos um trabalho de campo na referida cidade a partir da utilização de entrevistas, fazendo uso da metodologia da história oral para coleta de dados com populares da comunidade, sujeitos participantes dessa pesquisa.

Abordamos o envolvimento da população com a Festa; analisamos a importância da Festa da Padroeira Nossa Senhora da Conceição na cidade de Jacaraú- PB, e identificamos as Práticas religiosas e os festejos da Padroeira.

No envolvimento da população com a Festa enfatizamos o comprometimento dos jacarauenses com a mesma, tanto com a parte religiosa quanto com a profana, eles não medem esforços quando se trata dessa Festa; Na Festa da Padroeira Nossa Senhora da Conceição na cidade de Jacaraú- PB ressaltamos sua importância, acontecimentos, e belezas nas noites de festas; E ainda nas Práticas religiosas e os festejos da Padroeira com a participação ativa da população apresentamos as manifestações religiosas e penitências em sinal de agradecimentos à Santa.

¹ Consulta: Livro de Tombo: 1948. p.22



Para cada depoimento colhido, tivemos o cuidado de destacar a fala de cada depoente, tendo em vista que a proposta foi de fazer uma análise histórica a partir da perspectiva popular e não da elite.

A festa da Padroeira de Jacaraú- PB, como observamos, é muito festejada entre os pobres, os “descalços” por assim dizer e não apenas entre os que se preparam de maneira “elegante”, através de novas roupas e sapatos no desejo de participarem e expressarem a força cultural que a Padroeira da cidade possui.

Neste sentido, pudemos observar o valor histórico que a festa de “Nossa Senhora da Conceição” consolidou com o passar dos anos e o papel popular que a mesma conquistou.

As homenagens a Padroeira marca profundamente o cotidiano da cidade, pois nos dias em que ela ocorre é notável como a cidade se articula para o seu preparo. Nesse período, ocorre uma interface entre o sagrado e o profano e as muitas pessoas participam ativamente das comemorações e homenagens, ou seja, dos eventos que marcam a festa. Nesse ínterim, percebe-se que algumas desigualdades e preconceitos, econômicos ou raciais, são minimizados.

Sendo assim, em Jacaraú-PB, à festa da Padroeira “Nossa Senhora da Conceição” que acontece há muitos anos, reproduz muito de uma cultura que é percebida nos símbolos inerente a uma sociedade.

6 REFERÊNCIAS

BARBOSA, Joaquetes pessoa. **Depoimento oral concedido à autora**, 28 ago.2004.

MORAIS, Damiana Ferreira de. **Depoimento oral concedido à autora**, 21 set. 2004.

LIVRO de Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição. Jacaraú-PB, 1948 a 2004.

MENEZES, Zoé da Cunha. **Valeu, passado... viva o futuro**. (memórias). Minas Gerais, s.d.



MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória: A cultura popular revisitada**. 3. ed. São Paulo: contexto, 1994.

NÓBREGA, Inêz Batista da. **Depoimento oral concedido à autora**, 10 set. 2004.

PESSOA, Eunice de oliveira. **Depoimento oral concedido à autora**, 25 ago. 2004.

PAULINO, Leonor Pereira. **Depoimento oral concedido à autora**, 02 set. 2004.

PONTES, Maria Ana de Souza. **Depoimento oral concedido à autora**, 06 set. 2004.

SENA, Luiza Gomes de. **Depoimento oral concedido à autora**, 24 ago. 2004.

SILVA, Creusa Pinho da. **Depoimento oral concedido à autora**, 31 ago. 2004.

SILVA, Maria Josefa da. **Depoimento oral concedido à autora**, 24 ago. 2004.

SOUZA, Luziana Cristina Ferreira de. **A Festa da padroeira Nossa Senhora da Conceição na cidade de Jacaraú- 1940-1980**. Guarabira, 2004. 68f. Monografia (Graduação em Licenciatura plena em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira.